

Desigualdade de Gênero e Teatro do Oprimido: (re)escrevendo narrativas.

Estado: São Paulo (SP)

Etapas de Ensino: Ensino Médio

Modalidade: Educação de Jovens e Adultos

Disciplina: Artes

Formato: Presencial

+ **Elisângela Cristina Siqueira de Melo**

Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo IFSP. Realiza mestrado em Psicologia da Intervenção, com tema sobre a ausência à escuta. Além da experiência com ONGs, realiza Teatro do Oprimido há dez anos. Possui interesse especial por temas como: questões de gênero, sexualidade, intolerância religiosa e etnia.

Objetivos

Objetivo geral:

Discutir, por meio da estética do oprimido, a necessidade de práticas cotidianas de enfrentamento à desigualdade de gênero.

Objetivos específicos:

Realizar jogos teatrais e dramatizações voltadas sobre igualdade de gênero;

Mobilizar práticas em teatro do oprimido para refletir sobre intervenções acerca da igualdade de gênero.

Conteúdo

1. Conceito de esquete;
2. Teatro do Oprimido;
3. Oficinas de Teatro: Jogos e dramatização;

4. Teatro do Oprimido e Tipologias;
5. Atividades de Intervenção;
6. Atividades de intervenção;
7. Atividades de intervenção;
8. Desfecho.

Metodologia

1. Iniciar a aula por meio de uma reflexão sobre situações cotidianas em torno das relações de gênero e uma esquete teatral. O educador pode apresentar à turma a proposta da simulação de alguma situação cotidiana em que se discuta as relações de gênero pelo viés da igualdade. Ex.: turma, vamos pensar em situações cotidianas que a desigualdade de gênero surge de forma naturalizada. Imaginem situações em que um casal tem afazeres domésticos para realizar. Quem começa? O que as mulheres fazem logo quando chegam ao serviço? E o marido, o que faz quando chega em casa? Quem vai lavar a louça e realizar os serviços domésticos? Cuidar das crianças? E se a mulher reclamar e pedir ajuda ao marido?

- **Importante:** se o educador não se sentir confortável em propor a esquete e/ou se perceber que a turma não se sente à vontade para realizar a atividade deste modo, a simulação pode ser substituída por um vídeo. Sugestão: Campanha Call - Instituto Maria da Penha (<https://www.youtube.com/watch?v=A6CslhHgTrA>)

2. Problematização: escrever na lousa o tema da aula “Qual é o gênero da igualdade?”. A partir da simulação e/ou do vídeo, propor uma roda de conversa para debater as contribuições propostas e apresentar conceitos relevantes: gênero, igualdade, desigualdade, violência. O docente pode, inclusive, mediar a roda de conversa por cartões com essas palavras e receber sugestões do grupo.

3. Ação: relacionar a situação problema a vivências exploradas pelo teatro do oprimido e explicar que por meio das técnicas teatrais podemos entender dinâmicas de desigualdade e opressão, inclusive, de gênero. Apresentar a técnica emjogo da “Princesa e do Dragão” que consiste em organizar a turma em duplas, imaginar uma floresta como parte do espaço e propor necessidades às duas personagens.

- Princesa: essa personagem quer apenas passear no bosque.
- Dragão: quer assustar a princesa.

Formar as duplas, por meio da escolha espontânea e voluntária da turma. A própria dupla decide quem será a Princesa e quem será o Dragão. Inicie a atividade com as duplas: a Princesa tentando passear no bosque e o Dragão, importunando. Após a descontração, questionar quais foram os critérios de escolha da dupla, determinando quem seria a Princesa e quem seria o Dragão. Questionar também como ambos se sentiram ao longo da atividade, relacionando com o vídeo/ esquete teatral e em especial a situações cotidianas de desigualdade de gênero.

4. Apresentação da proposta de elaboração de uma Cartilha Coletiva sobre Desigualdade de Gênero. Para tal, apresentar possibilidades de leitura. Debater com a turma. E em seguida, acordar uma produção individual para ser incorporada a essa cartilha. Logo, os estudantes vão escrever textos, individualmente, sobre a temática, Desigualdade de Gênero, tendo como suporte: as vivências em aula; as leituras realizadas durante a aula e os textos indicados. Sugestões de leitura:

- Instituto Maria da Penha. O que é violência doméstica. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>. Acesso em: 26 set. 2022
- Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/desigualdade-de-genero-e-raca/?gclid=Cj0KCQjw6pOTBhCTARIsAHF23fKR5X9s4XyNCinZyMEZeeAUIf26AYRkXkViWexGVoj4BC5m6Dea0VQaAiN8EALw_wcB. Acesso em: abril de 2022.
- A Influência da Construção dos Papéis Sociais de Gênero na Escolha Profissional. Flaviane Izidro Alves de LIMA et al. Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 33-50, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060 DOI: 10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818

5. Leitura dos textos produzidos: os estudantes farão a leitura dos textos em voz alta e todos participaram ativamente, por meio do levantamento dos pontos positivos do texto e também de sugestões sobre possíveis pontos de melhoria.

6. Teatro do Oprimido e Tipos Estéticos: a cada aula, apresentar outras vertentes do Teatro do Oprimido, como, por exemplo, Teatro Imagem, Teatro Jornal e Teatro Fórum. Fomentar as apresentações por meio de esquetes como no primeiro encontro, vídeos, dramatizações e ou leituras dramáticas que aproximem o tema às atividades. Utilizar a sequência didática proposta: teoria, conceito, explanação, ação (vídeos ou esquetes/ simulação), leitura e escrita como um contínuo processo na elaboração da cartilha.

7. Montagem da cartilha: por meio de fotos dos textos, recortes de revistas e colagens os estudantes serão orientados a elaborar uma cartilha, coletivamente, com o material produzido em aula.

Recursos Necessários

Notebook

Celular

Cadernos

Canetas

Sala de aula

Duração Prevista

Nove encontros durante três meses.

Processo Avaliativo

Avaliar o engajamento, participação e as devolutivas durante o desfecho da atividade

Observações

O Teatro do Oprimido parte de conceitos e metodologias freireanas, o que está intimamente ligado ao currículo e propostas da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Temas geradores como trabalho, renda, situações de opressão e desigualdade social são abordados em esquetes, peças teatrais e cursos do Teatro do Oprimido. A noção inclusiva, adotada por Augusto Boal, de que todos nós somos “espect-atores”, ou seja, espectadores e atores ao mesmo tempo, favorece a participação ativa dos cursistas em escolas, entidades e associações dos mais diversos tipos. Ao pensar no ambiente escolar, o Teatro do Oprimido tem um papel político e formativo que auxilia a reflexão sobre as questões contemporâneas, bem como favorece a desinibição e a facilidade de comunicação e expressão dos participantes.

Referências Bibliográficas

ARDANS, Omar. Corpo e identidade na teoria da ação comunicativa de Habermas. *Psicol. hosp.* (São Paulo) v.3 n.2 São Paulo ago. 2005. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092005000200002. Acesso em: 03.02.2020.

BOAL, A. (2005a). *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (2005b). *O Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BOAL, A. (2002). *Arco-Íris do desejo. Método Boal de Teatro e Terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BOAL, A. (2009a). *A Árvore do Teatro do Oprimido*. In A. Boal (Org.), *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas* (9ª ed., p. 17). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. *Psic v.7 n.1 São Paulo jun. 2006. Psic v.7 n.1 São Paulo jun. 2006.*

COLOSIO, ROBSON; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. O Vínculo e instituição como temas básicos da abordagem psicanalítica na formação e no trabalho do psicólogo em instituições públicas. Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social (LAPSO) do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. *Psicol. USP vol.25 no.3 São Paulo set./dez. 2014* <https://doi.org/10.1590/0103-656420130046>.

DUNKER, Christian. O palhaço e o psicanalista: com escutar os outros pode transformar vidas / Christian Dunker, Cláudio Thebas. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. 256 p.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: a história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. *Conscientização*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1981a.